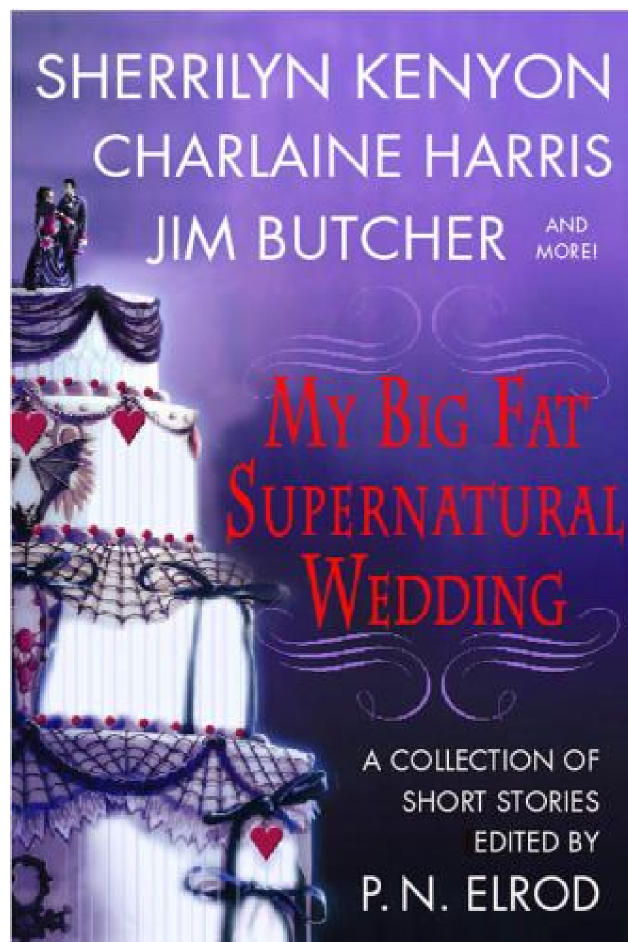
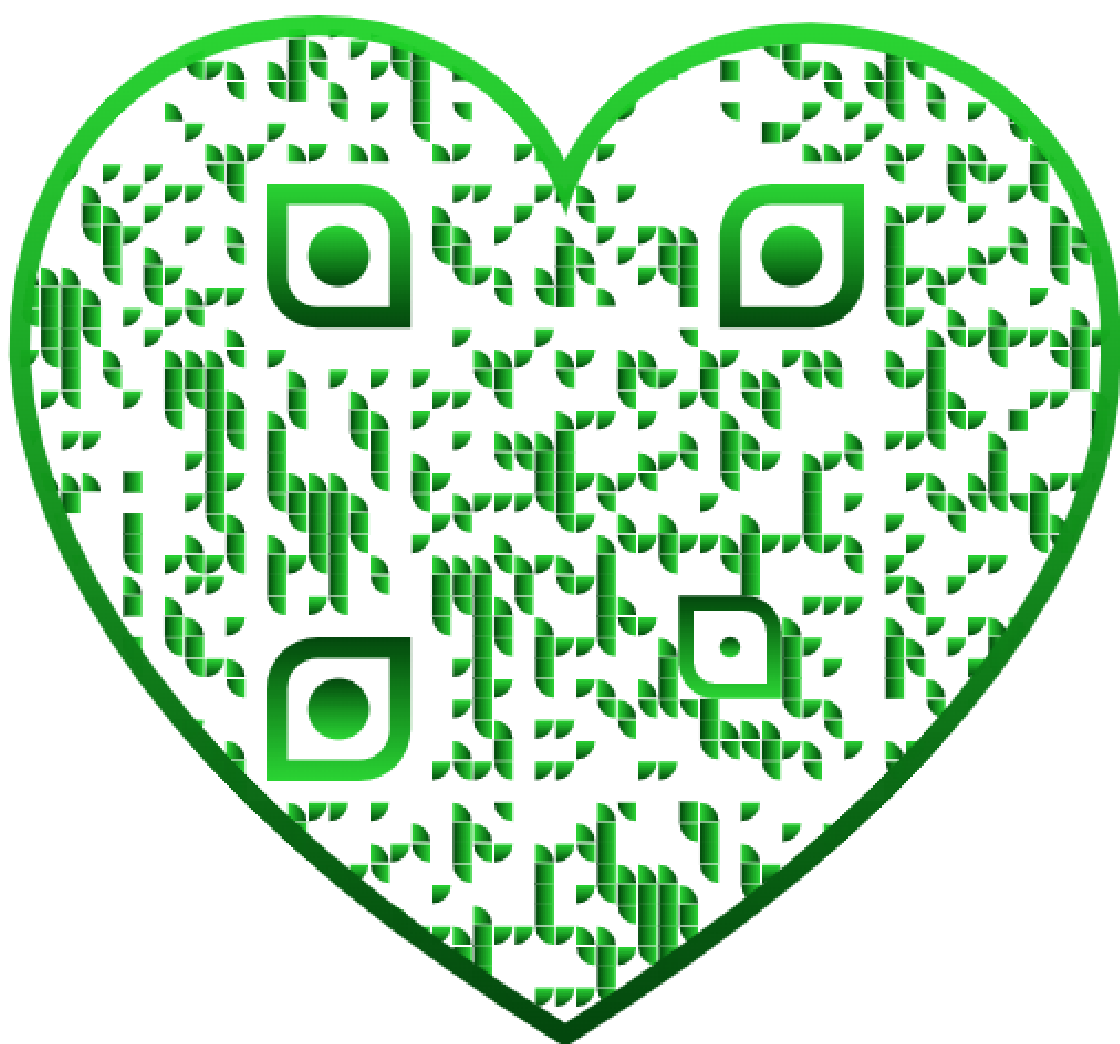




Disponibilização/Tradução: Sarah Gomes
Revisão: Gislene Batista
Formatação/revisão final: Meli Dumbledore
Arte/logo: Mare



CAPÍTULO 1

— Não é fantástico?

Raphael Santiago não era um homem religioso em nenhum sentido da palavra, mas quando leu a história curta que Jeff Brinks tinha publicado no SF Jornal e que tinha nas mãos, sentiu uma profunda necessidade de crucificar-se a si mesmo...

Ou ao menos esmurrar ao estudante de Universidade na cabeça até que perdesse o sentido.

Mantendo sua expressão cuidadosamente em branco, Raphael fechou lentamente o jornal e se encontrou com o olhar impaciente de seu escudeiro. Aos vinte e três anos, Jeff era alto e fornido, com o cabelo castanho escuro e olhos marrons.

Só era o escudeiro de Raphael durante os dois últimos meses, posto que o pai de Jeff deixou recentemente. Um jovem impaciente, Jeff fora bastante bom em lembrar-se de pagar as contas a tempo do negócio que Raphael tinha, e a ajudar a proteger seu estado imortal dos desconhecidos humanos. Mas a única coisa que Jeff tinha desejado mais que tudo era publicar uma das histórias que sempre estava escrevendo.

Agora o tinha feito...

Raphael tentou recordar uma época em que também teve sonhos de grandiosidade. Uma época quando havia sido humano e quis deixar seu rastro no mundo. E igual a ele, os sonhos de Jeff estavam perto de conseguir matar ao moço.

— Mostrou isto a alguém mais?

Demônios, ainda assim Jeff recordava ao Raphael um cachorrinho Cocker spaniel que desejava que lhe acariciasse a cabeça inclusive quando desconhecia ter feito xixi sobre os melhores sapatos de seu próprio dono.

— Não ainda, por quê?

— OH, não sei — disse Raphael, estirando as palavras e tentando mitigar em algo seu tom sarcástico — Estou pensando que a série do Investigador-Noturno que está começando possivelmente seja uma idéia realmente má.

A expressão de Jeff caiu imediatamente.

— Você não gostou da história?

— Realmente não é questão de que goste. É mais uma questão de conseguir que lhe dêem uma patada no rabo por revelar nossos segredos.

Jeff franziu o cenho, e por seu confuso olhar era óbvio que o moço não tinha idéia do que falava Raphael.

— O que quer dizer?

Esta vez não havia maneira de manter o veneno fora de sua voz.

— Sei que lhe disseram que escrevesse o que sabia, mas diabos,

Jeff, Ralf St. James? Investigador-Noturno? Tem escrito a lenda inteira dos vampiros Dark-Hunter/Apolita, e realmente me ressenti que fizesse que me parecesse uma cópia do Taye Diggs. Não tenho nada contra o homem, mas a não ser pela ocasional cabeça calva, a cor de nossa pele, e um diamante pendente em sua orelha esquerda, não temos nada em comum.

Jeff tomou o jornal das mãos de Raphael, olhou sua história, e repassou algumas linhas.

— Não entendo do que está falando, Raphael! Isto não é sobre você ou os Dark Hunter. Quão único têm em comum é que os Investigadores-Noturnos caçam vampiros malditos igual fazem os Dark Hunter. Isso é tudo!

— Hum...hum! — Raphael voltou a olhar a história outra vez, e inclusive com o jornal ao reverso seus olhos caíam diretamente na cena — E o que me diz disto, onde Taye Diggs é parecido a um Dark Hunter enfrentando-se a um Daimon o qual justamente rouba uma alma humana para prolongar sua vida?

Jeff fez um som de repugnância.

— É um Investigador-Noturno que encontrou um vampiro para matar. Não tem nada que ver com os Dark-Hunter!

— Sim, claro. Um vampiro que só rouba almas humanas para prolongar sua vida em comparação com a variedade normal de Hollywood que vivem pelo sangue?

— Bom! Isso é somente um clichê. É muito melhor ter vampiros que tenham vidas realmente curtas e então sejam obrigados, contra sua vontade, e por um ódio aceso pela inveja a lançar-se pela raça humana. Faz isto muito mais interessante, não crê?

— Não realmente. Especialmente desde que é uma das pessoas implicadas nessa batalha.

— Essa é também a realidade em que vivemos nós, Jeff. O que acaba de descrever é um Daimon, não um vampiro.

— Bom possivelmente tomei emprestado um pouco dos Daimon, mas o resto é todo meu.

Raphael passou à página seguinte.

— Vejamos. Isso sobre a raça maldita do Tyler que fodeu ao deus

Nórdico Odin e agora estão malditos a viver somente vinte e sete anos, a menos que se voltem vampiros e roubem almas humanas. Substitua "Apolita" por Tyler e "Apolo" por "Odin" e tem outra vez a história da raça Apolita que se voltam Daimon.

Suspirando, Jeff cruzou os braços sobre seu peito. Ele negou com a cabeça.

— E o que há a respeito desta parte aqui onde os Investigadores-Noturnos vendem suas almas à deusa Nórdica Freya, a qual é uma vibrante ruiva femme fatale vestida toda de branco, para obter vingança sobre quem causou sua morte?

— Ninguém vai imaginar que Artemisa é Freya.

Raphael grunhiu ante ele.

— Para que conste, ao contrário de Artemisa, acontece que Freya é loira. Mas em uma coisa tem razão. É maravilhosa e altamente sedutora. Definitivamente é difícil lhe dizer não.

—OH! — Aprofundando seu cenho, Jeff o olhou — Como sabe tudo isso?

Raphael permaneceu calado enquanto recordava a noite em que conheceu a deusa nórdica e o tinha tentado. Esse tinha sido definitivamente um dia infernal...

— A deusa Freya seleciona aos guerreiros para o Valhala. Ou em meu caso, queria tomar para si mesma e me adicionar ao seu harém.

Jeff o olhou boquiaberto

— E escolheu lutar para a Artemisa em vez disso? Que classe de estúpido é?

— Havia momentos em que o menino podia ser misteriosamente ardiloso — Sim, bom, em retrospectiva não era um mau negócio para minha parte. Mas quando Artemisa me estava oferecendo vingança para meus inimigos parecia muito mais atraente que ser o escravo do amor da Freya... O qual nos leva de volta a que Freya é a Artemisa em sua história.

— Mas você acaba de dizer que ela não é Artemisa e que também anda atrás de guerreiros. Assim poderia acontecer! Poderia fazer um pacto como o que escrevi em minha história.

— E os miosótis poderiam crescer no sol. Freya coleciona guerreiros, não os envia de volta ao plano mortal a lutar com os Daimon/vampiros. Artemisa sim o faz.

Mas não querendo discutir mais a questão quando era óbvio que Jeff não a via, Raphael se moveu sobre a próxima similitude.

— E o que me diz disto? Ralph... Jesus! Moço, não poderia encontrar algo melhor para mim que o nome de um funcionário, era um pirata do Caribe, filho de uma escrava etíope e um comerciante brasileiro. . . — Ele jogou uma olhada abaixo para ler a descrição: Com 1m82cm, Ralph era um tipo que intimidava a qualquer que

o visse. Com a cabeça raspada, tatuada com símbolos tribais africanos que um Shaman lhe tinha feito em uma de suas viagens, caminhava sobre a terra como se a possuísse. Mais que isso às escuras tatuagens se mesclavam às vezes com sua pele cor café, fazendo-os indistinguíveis um do outro como se fosse algum tipo de estranha pele.

Incapaz de ler outra palavra da descrição que era tão misteriosamente aproximada dele que fazia que quisesse estrangular ao seu escudeiro, Raphael deixou escapar um aborrecido suspiro.

— Ao mesmo tempo em que estou tão adulado como altamente ofendido, posso te assegurar que isto não ganhará nenhuma nominação Hugo ou Neruda.

Jeff lhe tirou outra vez o jornal das mãos com rapidez.

— Estou ressentido. É uma grande historia. E não tem exatamente essas tatuagens, verdade?

O olho direito de Raphael começou a crispar pela provocação.

— Tenho um intrincado trabalho tatuado sobre meu pescoço até a base de meu crânio igual ao "Ralph" — ele grunhiu a palavra — os tenho em ambos os braços. Estão bastante perto ao que descreve. Não importa como distinga essa corriqueira estupidez, é minha vida, Jeff! Escrita de uma maneira torpe. Essas são coisas que não desejo ver impressas em branco e preto. Tem sorte que depois de trezentos anos seja razoável. Em meus dias como humano, teria rachado a sua garganta, tirado sua língua através da abertura e te deixaria preso a uma árvore para que os lobos o comessem.

— Ew!

— Sim! — disse ele, dando um passo para o adolescente— É eficaz. Confia em mim, ninguém me traiu duas vezes.

— E o que há sobre o cara que te matou?

Os olhos de Raphael cintilaram enquanto lutava com seu impulso de matar ao moço. Era uma maldita coisa que quisesse ao pai do Jeff e ao homem que o tinha servido bem por mais de vinte anos. Do contrário Jeff se encontraria com um "acidente" em algum momento. OH, agora mesmo. Respirando profundamente, Raphael falou em um tom que desmentia sua cólera.

— Só tenho uma pergunta mais. Qual é a tiragem dessa revistinha?

Jeff se encolheu de ombros.

— Não sei. Perto de cem ou quinhentos por todo mundo, acredito.

— Está morto!

—OH, vamos! — disse Jeff, ignorando o verdadeiro perigo que tinha frente a ele — Está se pondo neurótico. Ninguém vai dar conta. A melhor maneira de ocultá-lo é expondo-o. Alguma vez ouviste isso? Sai da Idade Escura, Rafe. Por onde quer que olhe há vampiros e uma contra-cultura dedicada completamente a eles. Abre sua boca a uma mulher, lhe mostre as presas, e te pedirá que a morda. Acredite! Tenho um set falso deles para festas e os utilizo com freqüência. Hoje em dia ser um não morto não é algo que vá te matar. Só faz mais fácil ocupar o posto.

Raphael sacudiu sua cabeça.

— Esta discussão alcançou um completo novo nível de absurdo.

— Por favor, me economize isso, velho sábio! Há uma maneira completamente nova de pensar que busca a melhor maneira possível de lhes proteger e os ocultar. Se começarmos a falar às pessoas sobre os Dark-Hunter, mas fazemos que pensem que é uma série de livros ou alguma coisa de fantasia urbana quando realmente se encontrarem com um de vocês, pensará que somente é um ator ou um jogador de RPG. Ou no pior dos casos, pensarão que está louco, mas nunca acreditarão que seja real.

Estava considerando seriamente conseguir que fizessem ao Jeff uma exploração para assegurar-se de que o menino ainda tinha cérebro.

— Que Einstein saiu com isto?

— Bom!...Originalmente foi Nick Gaultier.

— E o pobre homem agora está morto. Não deveriam seguir algumas outras idéias?

— Não. Tem perfeito sentido. Sai do porão, Rafe, e te una à nova geração. Nós somos o 911.

Raphael bufou.

— É 411, Jeff, e não sabe uma merda! Mas vai necessitar o 911 uma vez que o Conselho se inteire disto.

— Estarei bem, confia em mim. Nick e eu não somos os únicos que pensam assim atualmente.

Essas palavras não tinham feito mais que sair de sua boca, quando o celular de Raphael começou a tocar. Comprovou a identificação de chamadas para ver "Ephani". Uma antiga amazona com a qual cruzou fazia quase três mil anos, ela era definitivamente um gosto adquirido. Mas ainda assim, sentia por ela um grande respeito. Tirando o telefone de sua capa, respondeu.

— O que acontece, Amazona? — perguntou ele, afastando-se do

Jeff enquanto seu escudeiro continuava admirando sua história no jornal. O menino não tinha nenhum sentido de auto preservação.

— Hey, Rafe... Eu!...Hum!... Não estou segura de como te dizer isto, mas, sabe o que esteve fazendo seu escudeiro ultimamente?

Decidindo tomar friamente, Raphael atravessou com o olhar ao Jeff.

— Escrevendo a grande novela americana! Ou o que venha a ser?

—Uh huh! Tem lido alguma dessas novelas em que esteve trabalhando?

—Não até hoje. Por quê?

Ela deixou escapar um comprido suspiro.

— Assumo que tem uma cópia do jornal "Velocidade de Escapamento" com sua história nele, verdade?

— Tenho.

—Bom, então não será um choque para você saber que minha escudeira acaba de ir e se dirige para sua casa para ter um bate-papo com o Jeff. Se fosse você...

— Não diga mais. Está abandonando o país enquanto falamos. Obrigado por avisar, Eph.

— Não há problema, amigo.

Desligando o telefone, ele entrecerrou seus olhos em Jeff.

— Era Ephani me advertindo que tem uns vinte minutos antes de morrer.

A cara de Jeff perdeu a cor.

— O que?

Ele assentiu.

—Sua Escudeira Celena, Srta. Ritos de Sangue, matarei-algo-que-romper-ojuramento, está a caminho daqui para ter umas palavras contigo. Já que Celena não seja grande conversadora, tomo como um eufemismo para "chutar seu traseiro".

Raphael se deteve quando suas palavras conjuraram uma imagem infernal em seu mente Celena golpeando seu traseiro com um par de botas e um espartilho de couro que usava freqüentemente. E em sua mente ela não levava mais nada que um chicote... Sim... Isso era algo que definitivamente não lhe importaria.

Natural de Trindade, Celena tinha a mais perfeita compleição que tivesse visto. Era tão suave que convidava a qualquer homem que a provasse. E seus lábios. Angelina Jolie não era nada em comparação. Ela se movia lenta e sedutora como um gato e ele tinha passado mais que podia uma quantidade de tempo querendo esfregar esse magro e curvilíneo corpo dela contra o seu. Mas infelizmente, ela era Escudeira e ele um Dark Hunter. Para as regras de seu mundo, ela estava fora

dos limites, e, embora Raphael não desse duas merdas pela maioria das regras, Celena vivia para elas. Era um crime contra a natureza em sua opinião que uma mulher tão linda não pudesse ser corrompida.

— O que faço? — perguntou Jeff.

— Bom, não insultar a um homem que parece um cientista da NASA em comparação a você, mas... Corre Forrest, corre.

— Mas não fiz nada mal. Esta é uma nova era onde...

— Realmente quer discutir esse ponto enquanto alguém, que está somente a uns poucos minutos de chegar, vem rapidamente para cá muito provavelmente para te matar?

Jeff se deteve por um breve pulsar antes que o sentido comum entrasse nele.

— Onde me escondo?

Se não fosse pelo fato de que um Dark Hunter estava isento de enfermidades, Raphael juraria que começava a ter uma enxaqueca atrás de seu olho esquerdo.

— Vá para o porão e se oculte ali. Não diga nem pio e não saia dali até que te diga que está a salvo.

Jeff assentiu e correu para a porta. Dois segundos depois estava de volta. Raphael o observou com o cenho franzido enquanto procurava ao redor do quarto até que localizou o taco de beisebol que tinha utilizado ontem nas aulas de bater. Agarrou-o e o embalou contra seu peito antes de dirigir-se de volta ao porão.

— O que está fazendo? — perguntou Raphael.

— Amparo.

Sim, claro. Celena estava altamente treinada e era mortal. Um golpe com o taco de beisebol só faria que urinasse nele antes de tirá-lo das mãos de Jeff e o moesse a pauladas, mas estava longe lhe de dizer isso.

— Esconda-se bem! — disse Raphael, exagerando sua voz.

Jeff assentiu outra vez antes de derrapar para a habitação de Raphael e a área onde vivia.

Pressionou a palma de sua mão contra sua frente onde a imaginária dor parecia estar localizada, Raphael jogou uma olhada ao redor da sala de sua casa vitoriana para assegurar-se de que Jeff não tivesse deixado nada como sua roupa de baixo atirada por aí. O moço era um bom Escudeiro no que se referia a manter o aspecto de que alguém vivia na casa o qual realmente se perdia quando se tratava de manter a economia doméstica geral.

Ao menos por uma vez o lugar estava decente. À exceção do Xbox sobre o sofá de couro que Jeff tinha conectado à TV de plasma. Raphael acabava de desligar o jogo e o tinha tirado de diante quando ouviu que chamavam insistentemente à porta.

Raphael endireitou sua camisa antes benzer-se para ir responder. Já podia ver o contorno curvilíneo de Celena através do frio vidro. A luz do alpendre destacava sua juba castanha que tinha atado em um rabo-de-cavalo no topo de sua cabeça. Seus lábios estavam perfeitos e delineados com um batom vermelho escuro. Tinha olhos amendoados igual aos gatos e um atraente lunar sobre o arco esquerdo de seus lábios. Maldição era a mulher mais linda que alguma vez tivesse visto. Abrindo a porta, dedicou-lhe o sorriso mais sexy que pôde.

— Olá, Celena.

Mas ela estava centrada em seus assuntos. Seus olhos marrons escuros nem sequer se detiveram nele. Passaram diretamente a casa.

— Onde está Jeff?

— Não sei.

Isso conseguiu finalmente que levantasse o olhar para ele, mas rapidamente o afastou e continuou procurando pela casa.

— O que quer dizer com não sabe? Depois de escurecer, supõe-se que um Dark Hunter sempre saiba onde está seu escudeiro.

— OH, vamos. — Brincou ele — Realmente não me irás dizer que sabe cada lugar ao que vai Ephani depois de que anoiteça, verdade?

—É obvio que sim!

Ela tentou passar além dele, mas a bloqueou rapidamente o caminho e a manteve fora no alpendre.

— O que quer com o Jeff? — perguntou em tom inocente.

— São coisas de Escudeiros.

— Seriamente? Pensei que o que concernia ao Escudeiro de um Hunter também concernia ao Hunter, desde que ele é meu sócio, em um sentido puramente platônico.

As bordas de seus lábios se crisparam como se encontrasse algo divertido em suas palavras. Ele não podia explicar, mas, realmente queria ver um completo sorriso desta mulher.

— O que?

Um canto de sua boca se elevou em um atraente sorriso, mas, ainda não era o sorriso que desejava ver nela. Do tipo que lhe iluminaria os olhos e a faria rir.

— Só estava pensando no Rum, a Sodomia e o chicote, o credo do Pirata—riu disso ainda quando deveria sentir-se ofendido.

— Jeff tem muito cabelo para meu gosto. Prefiro muito mais a lisa pele de uma mulher... A suavidade de um corpo feminino. Nunca fui dos que abraçam a um porco espinho.

Celena tragou ante o tom sedutor na profunda voz de Raphael. O som desta voz sempre lhe recordava a de James Earl Jones, exceto por que a do Raphael estava marcado por um pesado acento brasileiro. Um que enviava calafrios por sua espinha dorsal.

Ela sabia que não tinha nada de profissional em seu olhar, inclusive com algo remotamente parecido à luxúria, e ainda assim, o homem punha fogo a seus hormônios. Especialmente essa travessa essência de poder masculino misturado com o corpo e crânio raspado. Era uma combinação mortal.

Para não mencionar o fato de que levava um apertado suéter negro de gola em "V" que acentuava o quanto estava perfeitamente formado. Este se colava em cada músculo de seu corpo. Como se supunha que podia sua mente permanecer reta quando tinha um homem como este diante dela?

Esclarecendo a garganta, forçou-se a pensar de novo no trabalho.

— Onde está?

Um brilho diabólico zombou dela direto da profunda meia-noite de seus olhos.

— Me diga o que deseja dele e pode ser que te diga onde está.

Entrecerrando seu olhar, ela encontrou difícil manter seu aborrecimento enquanto ele a olhava com esse ar brincalhão. E isso realmente a incomodava.

— Estou aqui para tomá-lo em custódia e entregá-lo ao conselho.

—Bem, isso fede! — embora seu tom fosse sincero, quase se podia dizer que estava zombando de suas ordens e do conselho — Roubo a banco, repartir as contra-senhas da Web Dark Hunter, assaltante de carros, assalto a mão armada, misturarem gatos com cães, e agora isto. Escrever uma história curta. Todos importantes crimes. Traz a corda e o enforcaremos por isso. Deus proíba aos doze assinantes desse jornal ler essa história de ficção e acreditar que é verdade.

Ela o fulminou com o olhar. Como se atrevia a burlar-se daquilo.

— Tem um número substancial de leitores.

— E Jeff utilizou um pseudônimo não só para nós como também para si mesmo. Como diz o menino, que melhor lugar para ocultar a verdade que debaixo dos próprios narizes das pessoas? — Inclusive depois de dizê-lo, não podia

acreditar que estivesse defendendo a história de Jeff. Mas isso é o que faziam os amigos uns pelos outros — Não é nada do que preocupar-se.

— Nada? — ela estava horrorizada ante a leveza de seu tom. Como podia tirar a importância disso como se não fosse nada para eles?

— Tem nos exposto!

— Não que Talon conseguisse que o sobrecarregassem em meio de uma briga em Nova Orleáns e nos expôs. Zarek conseguiu nos expor a todos. Isto não tem importância. Quero dizer, diabos, Acheron foi capaz de cobrir tudo isso sem incidências. Isto passará também.

Nem por todo o ouro do mundo.

— Isto é completamente diferente.

— Certo. Jeff é mortal e só tem um punhado de anos a meu lado, enquanto que Talon e Zarek têm uma eternidade para continuar sendo estúpidos. Não cortaremos a vida do menino mais do que já o temos feito, verdade?

Ele tinha um ponto, mas odiava admiti-lo. Além disso, isso não importava. Ela estava aqui para fazer seu trabalho. Raphael não a controlava. Era um representante do Conselho.

— Acontece que não é minha decisão. É do Conselho. Estou aqui simplesmente para recolhê-lo.

— Só é um menino!

— Só é dois anos mais novo que eu e é certamente bastante grandinho para saber manter sua boca fechada.

— Alguma vez tem feito algo que sempre soube que não devia fazer e logo se arrependeu?

Ela não vacilou com sua resposta.

— Não.

— Não? — respondeu com incredulidade — Alguma vez, uma só vez tem quebrado uma regra, mentido ou feito algo assim?

— Só uma vez no colégio quando minha irmã chegou tarde a casa, por que não queria que se metesse em problemas. Então uma semana depois, voltou a fazê-lo e essa vez teve um acidente de carro tentando chegar a casa antes que amanhecesse, o qual me ensinou que não vale mentir para ajudar a alguém. Após isso nunca disse uma e não penso começar agora. Tenho integridade.

— Wu! Tem uma vida aborrecida.

— Isso me incomodou.

Esses olhos escuros zombavam dela e riam com uma mescla de diversão e compaixão.

— Se incomode tudo o que queira, mas é verdade. Como arrumou isso para ter uma vida tão perfeita?

E isso a incomodou ainda mais.

— Não é perfeita. Tem momentos dela... — se deteve brevemente enquanto se dava conta de que quase tinha metido a pata.

Havia vezes que realmente odiava quão aborrecida era. Mas cada vez que tinha tentado algo que fosse remotamente divertido ou ao menos inclusive desonesto, tinha-o pago da pior das maneiras. Igual quando estava no colégio quando sua irmã tinha falado de cabular aulas. Não tinha feito mais que conduzir rua abaixo quando sua irmã tinha arranhado a lateral de uma Mercedes.

Ou a vez que Celena tinha parado um caronista só para que lhe terminasse cravando uma roda. Tinha mal carma, o qual a mantinha perpetuamente roçando a linha. Se ela tivesse sido Jeff, no momento que publicaram essa história provavelmente teria morrido por envenenamento de tinta ou algo mais estranho.

Mas não se tratava dela. Tratava-se de um homem que tinha quebrado seu juramento de Escudeiro, e precisava ser repreendido.

Raphael inclinou sua cabeça como se esperasse que ela terminasse a frase. Ela estava pensando em algo, e pelo apagado olhar de seus olhos, e o cenho franzido de sua frente pôde advertir que era algo doloroso.

— Dizia?

Sua expressão ficou em branco.

— Nada.

Raphael lhe deu seu melhor sorriso enquanto considerava uma maneira de salvar Jeff e conseguir para si a coisa que mais queria... Mais tempo com a mulher que o tentava.

— Vamos, Celena. Aprenda a viver um pouco.

—Tenho normas que seguir e um trabalho que fazer. Certamente até você pode apreciar isso.

— Acaso não deseja te liberar e se divertir um pouco por uma vez em sua vida?

Ela não respondeu, mas pelo olhar em seu rosto ele podia adivinhar que tinha chamado sua atenção

— Olhe — disse ele, tentando debilitá-la ainda mais — Façamos um trato. Dê-me uma semana e se não puder conseguir que rompa uma só regra dos Escudeiros,

entregarei ao Jeff e deixarei que o enforque... Diabos, eu te comprarei a corda. Mas se consigo que rompa uma regra... Uma dessas pequenas tensas regras, o deixará ir.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Nunca funcionará. O conselho não esperará uma semana.

— Seguro que o farão. Diga a eles que não pode encontrá-lo e que o está procurando.

Sua cara se endureceu.

— Não posso fazer isso. É uma mentira!

Ela era resistente. Nunca conheceu nenhuma pessoa antes tão disposta a fazer o correto. Mas então, ele tinha sido pirata em sua vida mortal e a fibra de alta moral não era exatamente algo em que tinha uma medalha. De fato, possuíam o tipo de loucura que estavam acostumados a matá-los rapidamente. Isso era em parte pelo que a encontrava tão fascinante. Como podia alguém viver sua vida como ela?

Não a entendia, e uma estranha parte dele desejava fazê-lo. Era a mesma parte que desejava saber mais sobre esta mulher, além disso, o fato de que lhe parecesse tão comestível nesses jeans negros e o curto Top.

— Sabe — ele disse brincalhonamente — Não é uma mentira. Realmente não sabe onde está, e posso me assegurar de que seja assim para você eternamente.

Ela deixou escapar um cansado suspiro como se estivesse repentinamente cansada de lutar.

— Por que está fazendo isto?

Por uma vez, Raphael foi honesto.

— Porque por muito estúpido que seja Jeff é meu amigo, e não vou entregá-lo para me liberar.

Celena tinha que admirar isso. A muitos Dark Hunter não importava o que acontecesse a seus escudeiros. Para eles um Escudeiro era um criado, puro e simples.

— Vamos, Celena— lhe deu uma piscada — É a única oportunidade que tem de apanhá-lo.

— E se não romper nenhuma regra no tempo de uma semana?

— O entregarei.

Ela inclinou sua cabeça enquanto o considerava. Raphael não era conhecido exatamente por manter sua palavra.

— Jura-o?

— Cada dia.

Ela gemeu ante ele.

— Isso não é o que quero dizer e sabe.

Pela primeira vez, sua formosa cara se voltou completamente séria.

— Sobre minha palavra de pirata que morreu defendendo a sua tripulação, absolutamente.

Disse com tal convicção que se encontrou acreditando realmente. Além disso, ele tinha razão. Se queria ocultar Jeff, não havia muito que eles pudessem fazer para reclamá-lo. E conhecendo aos dois, Jeff e Raphael também os deixariam a todos com um palmo de narizes nisto.

— De acordo. Confiarei em você. Em sete dias, voltarei para recolhê-lo. Esteja aqui e esperando. — deu meia volta para partir só para encontrar a mão do Raphael em seu braço, puxando-a para detê-la.

— Woa, espera um segundo, amor. Não pensará que é tão fácil, verdade?

— O que quer dizer?

O diabólico brilho voltou para seus olhos de meia-noite.

— Não pode haver fé sem dúvida. Nenhuma força sem tentação. Para que este pacto funcione, você terá que estar aqui para que possa fiscalizar seu comportamento por mim mesmo.

Ela ficou rígida ante sua implicação.

— Minha palavra é ouro.

— E a minha é geralmente pirita. Neste momento, entretanto, para comprová-lo, quero que esteja aqui para me servir. É justo de todos os modos, já que é a razão que me estejam privando do serviço do Jeff, como pode comprovar.

— Quem se ocupará de Ephani?

— Chama um substituto. Isso é o que teria feito se não o encontrasse de todos os modos, não?

Celena começava a odiar este homem.

— Não pode falar a sério.

— Absolutamente! Agora, há trato, ou não? Pensa rápido antes que troque os termos outra vez.

E ele, provavelmente o faria, só para incomodá-la.

— Bem, trato feito.

E ainda quando acabava de pronunciar essas palavras, teve a furtiva suspeita de que acabava de entregar sua alma ao diabo.

CAPÍTULO 2

Logo que Raphael teve a Celena fora de sua casa, dirigiu-se ao porão só para encontrar Jeff deitado sobre o sofá de couro negro, com os pés em cima da mesa de café, jogando com seu PSP como se nada estivesse acontecendo. Era tão incrível que Raphael ficou parado na soleira por um minuto completo, olhando-o com a boca aberta.

Jeff era o tipo de homem que, como pirata, o teria enterrado vivo na areia e o teriam deixado ali para que apodrecesse. Por quê? Porque as pessoas como ele eram realmente muito estúpida para viver. Este era um rápido serviço público para levá-los a tumba.

Honestamente, a tentação de matá-lo estava ali e era forte. Endemoniadamente forte.

Contudo, outra vez, Jeff era afortunado de que Raphael se abrandou enormemente ao longo dos séculos. Para não mencionar o pequeno detalhe que Raphael desejava uma oportunidade para romper a mais importante das regras antes que um deles morresse.

Jeff não tinha idéia alguma que devia sua vida ao fato que Celena tinha os lábios mais tentadores deste lado do paraíso, e, se Raphael queria prová-los teria que conseguir tirar o Jeff dali antes que ela retornasse.

Raphael tomou o pequeno comando sobre a mesa a sua esquerda e desligou o PSP.

— Hey! — protestou Jeff levantando o olhar— Estava já no nível quatro e não tinha passado.

— A merda o Nível Quatro. Necessito que saia daqui, logo!

— E ir aonde?

— Ao meu navio, no porto.

Jeff franziu o lábio com aborrecimento.

— E fazer o que?

— Viver outra noite, que é mais do que vai conseguir se não deixar de protestar. Agora levante e começa a partir. Comprei-te um pouco de tempo, menino, mas é finito. Tem que permanecer oculto durante uma semana.

Enquanto Jeff fazia infantis ruídos de descontente, a atenção de Raphael caiu em seu computador portátil, que estava aos pés da mesa deveria bastar para

manter Jeff ocupado e fora de problemas. Ao menos até que o pobre bastardo publicasse algo outra vez.

Tomando o computador portátil, Raphael deu ao Jeff.

— Vai e escreve sua Grande Novela Americana, mas, Por Deus Santo, invente seus próprios personagens e situações.

Jeff fez uma careta.

— Sabe que enjôo!

— Sobreviverá ao enjôo. O envenenamento por chumbo é outra questão. Há muitas provisões de tal de modo que estará bem. Mantém seu traseiro sob a coberta e se tão somente jogar um olhar ao leme, cortarei sua cabeça eu mesmo. Não vá enredar ou fazer algo em meu navio ele vale mais para mim que sua vida. Não deixe de estar sob coberta sob nenhuma circunstância salvo um incêndio, e sempre que o faça, mantém um cubo perto e não vomite sobre nada.

Jeff franziu a cara como se fosse o pensamento mais pestilento que tivesse tido.

— Mas quero ficar aqui.

— E as pessoas no inferno querem água fria, e, se não for ao navio, provavelmente será capaz de comprová-lo em pessoa dentro de vinte minutos. Vai, Jeff. Agora!

Jeff começou a queixar-se quando se levantou então se conteve.

— Posso levar o PSP?

— Se isso fizer que te parta antes...

— Conseguiu mais jogos para ele? — Raphael grunhiu enquanto tirava uma pequena caixa negra de jogos da mesa do café e a lançava.

— Alguma coisa mais?

— Uma rádio estaria bem.

— Jeff...

— Já vou, já vou.

A dor de cabeça de Raphael havia retornado quando Jeff subia as escadas com um passo que faria sentir-se orgulhosa a uma lesma.

OH sim, o teriam sacrificado na coberta principal dez segundos depois de subir a bordo.

— Poderia acelerar o passo, Jeff? Temos somente outras oito ou nove horas até o amanhecer.

Ele fez uma careta para Raphael sobre seu ombro.

— É um casulo mandão!

— Isso vem com o de ser capitão pirata igual era meu pai, por certo. Ele não era um comerciante como o descreve em sua história. Os comia para tomar o café da manhã.

Jeff realmente se deteve nas escadas.

— De verdade?

— Jeff! — avisou-o — Sobe as escadas! — mastigou as palavras

Imitando suas palavras, Jeff finalmente arrumou para subir até a porta. Levou uns quinze minutos para fazê-lo empacotar suas coisas e sair da casa, junto com mais advertências sobre o que lhe faria Raphael se fizesse um só arranhão a uma mesa em seu navio.

Jeff tinha partido apenas cinco minutos antes que Celena retornasse. Raphael teve que se esforçar em não jogar uma olhada à rua posto ser óbvio que os dois tinham tido que cruzar-se no caminho. Mas, ao contrário de Jeff, Celena era bastante preparada e se daria conta de por que Raphael estava olhando para o norte.

Não ficava dúvida que alcançaria ao caracol e lhe saltaria em cima.

— Bem vinda de novo, minha lady — disse Raphael quando Celena ajustou a bolsa negra que levava no ombro enquanto se aproximava da porta.

Ela somente grunhiu em resposta enquanto passava a seu lado e entrava em sua casa.

—Não posso acreditar que tenha que fazer isto — disse ela em voz baixa.

Ele se viu afetado por suas palavras até que se deu conta de que ela ainda não o olhava. De fato, evitava-o com tal determinação que o fez sorrir. Nenhuma mulher fazia isso a menos que estivesse interessada e estivesse tentando lutar com isso.

— Me deixe te mostrar onde pode deixar isso.

Celena o seguiu de modo que Raphael pudesse conduzi-la para as escadas de mogno no meio da casa. Realmente odiava estar aqui. Como poderia servir a um homem que a distraía tanto? E quando ele subiu as escadas e teve uma vista sem obstáculos desse firme e perfeitamente formado traseiro, fez tudo o que pôde para não esticar uma mão e beliscá-lo. Isto estava mal em muitos níveis. Como tinha permitido que a metesse nisso? É a única maneira de obter ao Jeff. Ou isso era somente uma desculpa de modo que pudesse estar ali com ele? Não querendo nem sequer considerar esse pensamento, obrigou-se a voltar para o trabalho. Tinha que manter seus pensamentos em seu trabalho e não no bem que se via Raphael todo vestido de negro...

Ou para ser mais exatos, o maravilhoso que se veria sem essas roupas.

Ele indicou a primeira habitação à esquerda.

— Este é o quarto de hóspedes, não é que tenha tido hóspedes — à exceção dela a olhou e lhe deu uma piscada — Não o utilizamos, mas está limpo e se mantém bem.

— Obrigada — disse ela, entrando para encontrar um quarto que estava decorado com antiguidades vitorianas.

Era realmente bastante agradável, com cadeiras Chippendale bordo e brocado de ouro. A cama uso vitoriano estava coberta por uma colcha Bordo e ouro que fazia jogo fazendo-a luxuosa e instigante.

Nem a metade de instigante como se estivesse com um nu Raphael nela, mas o que podia fazer ela? Perguntar se queria unir-se a ela?

Claro. Sacudindo seus errantes pensamentos de sua cabeça, deixou sua bolsa de viagem sobre o colchão, depois se voltou para olhar Raphael, quem parava na soleira com uma tentadora pose. Com ele vestido em calças de pregas e um suéter negros que se agarrava a seu corpo, era difícil de pensar com clareza. O qual queria dizer que precisava tirá-lo dali antes que perdesse todo o sentido de seus deveres e sucumbisse à idéia de despi-lo.

— Não deveria estar fora patrulhando? — perguntou ela

— Ainda é muito cedo. Além disso, não houve muita atividade dos Daimon ultimamente — Ele cruzou os braços — Desde que Danger morreu esteve estranhamente tranqüilo.

— Sim, isso é o que diz Ephani, também. É como se eles se esfumaçaram, o que é estranho. Teria pensado que matar a um Dark Hunter os fariam mais fortes.

Sem responder, moveu-se para estar mais perto dela... Tão perto que a essência dele invadia todos seus sentidos. Mais que isso, esquentava-a totalmente. Havia algo calmante nessa essência de Brutt e homem. Algo tentador e pecaminoso. Isto a manteve enfeitiçada quando ele se deteve sua direita e levantou a mão para tirar uma trança perdida de seu ombro. Seu coração corria a toda velocidade, não podia mover-se. Tudo o que queria era sentir como a tocava.

Um pequeno sorriso apareceu nos cantos de seus lábios quando baixou sua cabeça para a dela. Sabia que ia beijá-la e ainda não podia mover-se. Não até que seus lábios se separaram e ela viu brilhar suas presas.

Ele é um Dark Hunter!

Isso a sacudiu o bastante como para que pudesse retroceder três passos.

— Devemos reorganizar sua casa enquanto que estou aqui de modo que seja mais eficiente.

Raphael se mordeu uma asquerosa maldição. Um segundo mais e a teria tido.

— A casa está bem.

— Não. Não, não está. Tem algum plano de evacuação se por acaso há um incêndio enquanto é de dia? Sabe que poderia te assar e morrer absolutamente facilmente, então seria uma Sombra sem alma e se foderia durante o resto da eternidade.

Isso o atravessou como uma ducha fria. Agora isso era algo no que nunca tinha pensado antes, e ele era bastante bom em juntar planos desastrosos

— Acontece muito com velhas casas — continuou ela — Com a fiação e isso. Ouvi falar de um Dark Hunter que morreu assim o ano passado.

— Quem?

— Não posso recordar o nome, mas era um dos Dark-Hunter na Inglaterra. Churrasco total. Pode comprová-lo na Web.

Melhor não. A nenhum Dark Hunter gostava de ler sobre a morte de outro Isto trazia à luz que embora fossem tecnicamente imortais, ainda havia coisas ali fora que podiam matá-los. E já tendo morrido, não era algo que Raphael desejasse experimentar outra vez.

Não obstante, ela não se aplacou.

— Deveria te pôr em contato com meu amigo. Está especializado em sistemas anti-incêndio para as casas dos Dark-Hunter. Pode pôr em um sistema de aspersão...

— Está de brincadeira.

— Não, não estou. A segurança dos Dark Hunter é a primeira prioridade para um escudeiro. De fato, a primeira coisa pela manhã será chamar o Leonard e verei quando poderá fazer uma inspeção. Também devemos nos certificar de que tenha uma barra de isolamento em seu carro em caso de que capote em um acidente. OH, e uma barra de aço protetora sobre o lado do assento do condutor em caso de que se acabar sob algo, não possa ser decapitado.

Sem pensá-lo conscientemente a mão de Raphael foi a sua garganta. Maldição, a mulher dava um novo significado à palavra "paranóia".

— Deveríamos olhar também na história desta casa e nos assegurar que nunca tenha sido utilizada como pensão "café da manhã e cama".

— Por quê?

—Se a propriedade se utilizou como lugar comunitário como uma pensão, um restaurante, ou algo aberta ao público, então os Daimon podem entrar sem um convite. Não quererá que entrem e o assassinem, verdade?

— Não realmente.

— Então precisamos investigar a propriedade. A menos que você e seu escudeiro anterior o fizeram.

— Não.

Ela estalou a língua.

— Necessito uma folha de papel. Isto vai levar um momento.

E para o momento que tirou o papel de sua bolsa e começou a fazer uma lista, Raphael se sentia doente. A mulher deveria trabalhar como Inspetor de Códigos. Ela pensou em perigos que a ele nunca lhe tinham ocorrido. Inclusive saiu e examinou o grau de seu porão, o qual não era o bastante alto segundo sua valorização. Depois de tudo, segundo ela, uma mudança nos alicerces podia causar uma greta que o exporia teoricamente à luz do dia. Nada sangrento, mas parecia decidida a não deixar escapar nenhuma possibilidade dando ênfase em "possível" ameaça.

Quando deram as dez em ponto, ele estava mais que disposto a começar sua patrulha. Saiu do porão para encontrar um arsenal na mesa. Duas adagas, três estacas porque duas poderiam romper-se em uma briga, um rastreador de Daimon que ele sempre tinha preferido não usar, um colete Kevlar, seu celular, e um relógio estavam ali dispostos para ele.

Quando ela levantou o Kevlar para ajudá-lo a vestir ele ficou olhando.

— As balas não podem me matar.

— Não, mas fazem mal. Os Daimon poderiam, em teoria, te disparar até que esteja muito fraco para lutar e então te decapitar.

Negou com a cabeça olhando-a, negando-se de novo a vestir o colete. Estava perturbada quando se fez a um lado enquanto ele colocava as adagas em suas botas.

— Quer me pôr um cone como o dos cães ao redor de minha cabeça para nos assegurar que eles não possam me decapitar enquanto o tenha posto? — sugeriu sarcasticamente.

— Faria! — disse ela para sua imediata consternação— Mas Ephani se zangou realmente quando tentei isso com ela, assim, aprendi que é mais provável que lhes atassem com isso antes que protegesse seu pescoço. Mas tenho isto — ela tirou um

grosso colar de aço de seu bolso — Se o usar debaixo de suéteres de gola alta, não é tão óbvio. Estilo medieval me parece.

Ele não tinha nenhuma resposta a isso. Era a coisa mais absurda que jamais tinha ouvido. De fato, quando se guardou as estacas, teve que forçar-se a não as utilizar em sua última ameaça.

Ela.

Deu-lhe o relógio.

— Fiz uma minuciosa dupla comprovação da saída do sol em weather.com e o contrastei com a sociedade meteorológica e meu amigo, que é astrônomo, para estar segura de que era exata. Isso será as 6.59 AM Já pus o alarme para que te avise com vinte minutos de antecipação — Depois, tirou uma folha de papel — Aqui está uma lista de quanto tempo te levaria de várias zonas da cidade para conseguir chegar aqui. Joguei um olho a seus rastreadores para me assegurar de que tem tempo suficiente de fazê-lo e voltar para casa sem ameaça ou dano — a seguir lhe estendeu uma mochila negra — E em caso de que não possa fazê-lo, te cubra com isto e pressiona o alarme do pânico que acrescentei a seu chaveiro. Então poderei te trazer para casa antes que seja dia e estale em chamas.

Outra vez ficou sem fala.

Ela agarrou seu telefone celular.

— Reprogramei meu número em marcação rápida, meu número é o Um e o do Acheron é o Dois. Sabia que não tem nenhum número registrado como IÇO? Deveria ter um em Caso De Emergência. Pus o meu também para isso.

— E que passa com o Jeff?

— Posto que já não esta conosco, não me incomodei.

Isto era uma loucura. Agora se explicava por que Ephani não tinha brigado com ele por haver tirado Celena durante uma semana e ter que procurar um substituto. Jesus, Maria e José a mulher estava louca.

— Alguma coisa mais, mamãe? — perguntou ele.

— Sim! Joga com os outros meninos e não deixe que os Daimon tomem uma só gota de ti. Utilize o rastreador de modo que saiba onde estão em todo momento.

Raphael não podia sair de sua casa o bastante rápido. Assim como de seus pensamentos de tentar seduzi-la. Preferia fazer frente a uma horda do Daimon cego, e com ambas as mãos às costas. Mais que isso, faria de babá para o Jeff. Se alguém lhe houvesse dito que preferiria a um moço preguiçoso a quente deusa Caribenha do sexo, teria se rido em sua cara. Agora podia apreciar o outro lado da natureza do Jeff.

Possivelmente isto somente seja um dos jogos dela... Deteve-se brevemente nesse pensamento. Possivelmente somente estava fazendo-o para afastá-lo. Era possível.

Muito possível.

OH sim, agora o entendia. Isso tinha total sentido.

Bem, então. Dois podiam jogar este jogo.

Subindo a seu carro, sorriu.

— Não me aguarde, ma petite.

Estavam a ponto de começar uma guerra, e ao final, ele ia ser o vencedor.

CAPÍTULO 3

Raphael não estava ganhando sua guerra. Estava perdendo miseravelmente e nem sequer com estilo. Não importa o que tentasse, Celena evitava seus melhores esforços. A mulher era uma máquina, e depois de quarenta e oito horas de tê-la em sua casa, já tinha tido o bastante.

Sentando-se no sofá no porão uma hora depois do pôr-do-sol porque francamente, se subia as escadas, possivelmente a mataria, chamou o Ephani que respondeu ao terceiro toque.

— Vêem por sua escudeira! — lhe disse sem preâmbulos.

O tom dela foi seco e sarcástico.

— Olá para você também, Raphael. Encantada de te ouvir.

— Corta a conversa, Eph, e vêem levá-la antes que a mate.

— Está-te voltando louco? — Ele podia ouvir o humor em sua voz.

— Você que acredita? Como a agüentou noite atrás noite sem te voltar louca?

— É um pouco obsessiva, mas...

— Um pouco? — respondeu incrédulo — A mulher faz que um assassino em série pareça um Boy Scout.

Ephani bufou

— Não é tão má.

— OH sim, é! Acredite! Quase perco minha cabeça por um Daimon a primeira noite que esteve aqui

— Como assim?

Ele apertou seus dentes ao recordar.

— Imagine isto. Estou ali no beco, espreitando a um grupo de Daimon que têm a um escolar apanhado entre eles. Justo quando vou mover me para salvar ao menino, soa o telefone com a Srta não-tenho-nenhum-propósito-para-te-salvar-da-loucura, que me chama para me dizer que segundo o rastreador que ela tem é hora de que volte para casa de modo que não acabe apanhado pela luz do dia.

Ephani estava rindo tanto que desejaria poder alcançá-la ao outro lado do telefone e estrangulá-la

— Não é divertido.

Ela seguia rindo. Raphael deixou escapar um aborrecido suspiro.

— Reorganizou minha cozinha e a encheu com germe e essas merdas de trigo? Tentei lhe explicar o "Sou-Imortal-e-vivo-para sempre", mas ela não o capta. Disse que inclusive os imortais precisam comer alimentos sãos.

Ephani ainda ria.

E ao mesmo tempo Raphael queria matar a Amazona assim como a Celena.

— Isto não é realmente divertido, Eph.

— OH sim, é. Bah, Rafe. É mais que um homem.

— Tomarei isso como um elogio.

Esclarecendo a garganta, Ephani finalmente se tranqüilizou

— Há algumas coisas que precisa entender sobre a Celena.

— Quer dizer alguma outra além de que esteja louca?

Ephani lhe estalou pelo telefone.

— Não está louca.

Ele elevou a vista ao teto. Não duvidava que Celena estivesse fazendo agora mesmo, algo extremamente absurdo em sua cruzada para proteger a "ele", o guerreiro imortal.

— Acredito que me reservarei minha opinião.

— Confia em mim, Urso Negro. Ela não está louca.

— Então que está?

— Assustada — A palavra o surpreendeu, Celena certamente não atuava dessa maneira — tentou lhe perguntar alguma coisa a respeito de sua família?

— Um par de vezes, mas nunca fala deles.

— Certo, E sabe por quê?

— Por que está louca? — Esta vez o disse com um pouco menos de entusiasmo.

— Não! Tem medo.

Isso não tinha sentido para ele.

— Do que?

— De perder as pessoas que ama. Assim tenta levantar muros para proteger-se. Se não falar com as pessoas, então não poderão estar perto dela. Mas é tudo fachada. Sei, por que quando seu pai morreu faz um ano, isso quase a arrasou. Ainda chora metade do dia quando pensa que estou dormindo.

As notícias o deixaram sem fala. Isso era tão oposto à mulher de tijolo que estava escada acima. Não havia nada vulnerável nela, e honestamente, ele não podia imaginá-la chorar por algo.

— Celena?

— Sim, Celena. E sabe por que é tão estrita com seus deveres?

— Por que está louca? — Ele estava de novo convencido. Qualquer que executasse seus deveres a esse grau não era normal.

— Não — disse Ephani em um tom irritado — Igual ao Jeff ela é de uma família de Escudeiros. O Dark Hunter com o que cresceu foi assassinado faz oito anos porque foi acuado por um grupo de Daimon e foi executado. Se por acaso isso não fosse bastante mau o primeiro Dark Hunter a que foi atribuída morreu por que ela não pôde lhe fazer retornar antes da saída do sol. Celena tentou lhe conseguir tempo, mas não havia lugar em que pudesse ocultar-se, assim que se converteu em torrada antes que Celena conseguisse chegar ali. O conselho me advertiu quando a enviaram que ela estava um pouco traumatizada pelo fracasso. Diabos, se pensar que é um saco agora, deveria havê-la visto a primeira vez que chegou a trabalhar para mim.

Se era pior, então estava agradecido de não havê-la conhecido antes. Mas, tudo isso explicava realmente bastante sobre sua psicose.

—E deve gostar de você para que seja tão paranóica para que te esteja chamando todo o tempo para certificar-se de que chega a casa a tempo. Não é tão má nem comigo! — Ephani adicionou finalmente em voz baixa — Então toda vez, sigo sempre seus planos de patrulha e volto antes que ela se assuste.

Raphael ficou calado por um segundo enquanto considerava as palavras de Ephani.

— Isso põe muita perspectiva sobre ela, não?

— Sim.

— De acordo — disse ele com um suspiro — Não a matarei esta noite.

— Não, por favor. De todas maneiras, estou um pouco afeiçoada com ela, e tenho que dizer a prefiro ao que estou tratando agora mesmo. É do tipo preguiçoso. Inclusive resistiu a fazer meus ovos mexidos com queijo e cebola.

Raphael riu disso.

— Imagino o que utiliza para isso.

— Suponho. Mas envia a Celena logo para casa. Tenho saudades.

Ele sacudiu a cabeça.

— A propósito, obrigado, Eph.

— Não há problema. Somente cuida de minha garota.

— Farei.

Raphael desligou o telefone e o pôs no bolso de atrás de suas calças. Sua mente dava voltas com o que tinha aprendido, dirigiu-se escada acima para encontrar seu café da manhã lhe esperando.

Tomando um pedaço de bacon, teve que admitir que essa era uma das coisas pelas que gostava de ter a Celena ao redor. Ao contrário de Jeff, ela estava toda a noite com ele e se assegurava que tivesse bastante comida preparada. Inclusive lhe preparava uma bolsa com algo para que o levasse. É obvio estava repleto de alimentos saudáveis que o empurravam a uma forma de vida um pouco estranha, mas era um pensamento agradável.

— Olá.

Ele comeu o bacon enquanto lhe trazia um copo com suco de laranja

— Olá.

Depois que ele tomasse o copo, ela depositou um caderno em cima da mesa.

— Tomei notas de seus padrões de patrulha. Notei que tende a permanecer aqui em Columbus ao redor do campus até a meia-noite e depois te dirige para Starkville. Estava pensando...

Ele agarrou a caderneta de sua mão e a deixou a um lado.

— Gosto de meu padrão, Celena.

— Mas seria mais seguro que primeiro patrulhasse por Starkville e depois voltasse por esse caminho.

— Eu fui um pirata que ria enquanto morria e cuspi à cara de meu assassino. A segurança não me preocupa

— Pois deveria — insistiu ela.

— Por quê?

Sua frente se enrugou pela preocupação, sua cara mostrou um ponto de histeria muito débil.

— Porque poderia morrer e te converter em uma Sombra, vagar pela terra sem alma nem corpo, com dor e miséria constantes. Desejando comer. Desejando que alguém te ouvisse. Desejando que alguém te tocasse e fosse capaz de ver-te. Para...

Ele deteve suas palavras pondo seus dedos em seus lábios. Pessoalmente, não gostava da espantosa imagem que tinha pintado com suas palavras.

— Está bem, Celena. Não vou morrer.

Mas ele podia ver a dor e o medo em seus olhos.

— Isso é pelo que deveria pensar de novo em seu padrão.

Movendo seus dedos de seus suaves lábios, Raphael baixou sua cabeça para capturar sua boca somente para que ela se separasse dele outra vez. Ele deixou escapar um cansado suspiro.

— Não teve alguma vez um encontro?

— Não, de maneira nenhuma. Trazer um forasteiro poderia ameaçar a segurança do Ephani. O que acontece estou em um encontro e ela me necessita?

— O que acontece se cai um meteorito através de minha casa agora mesmo e frita a ambos?

Ela realmente olhou para o teto. Se não fosse tão sério, riria.

— Celena, não pode passar a vida inteira preocupando-se do que possivelmente aconteça — Ele cortou a distância entre eles — Ninguém pode ir sozinho pela vida. Acredite em mim nisto. Esta solidão é infernal.

— Você vive dessa maneira.

— Não sempre. Necessito a alguém de vez em quando.

Em vez de confortá-la, essas palavras tiraram ao exterior sua raiva.

— Não sou seu suporte de uma noite. Ambos temos deveres que atender. Juramentos que manter.

— Te beijaria de todos os modos, mas tenho o pressentimento de que se o fizer...

— Te golpearia nas pelotas e te arrancaria uma orelha — Não havia engano na sinceridade de seu zangado tom.

— Isso dói.

— É a idéia.

Rafael negou com a cabeça. Era descarada e quando se afastou dele não pôde evitar o calor que alagou seu corpo. Tudo nela apelava um nível importante.

Honestamente, estava se voltando louco ao estar tão perto de algo que o tentava sem poder sequer tocá-lo. Trazia-lhe cuidado, já que o conselho preferisse atribuir somente Escudeiros do sexo oposto tendo para isso em conta as preferências sexuais dos Dark Hunter.

Não posso agüentá-lo. Precisava afastar-se dela.

— Vou agora a matar ao Daimon.

— Mas é cedo!

— Sei. Mas tenho a sensação de que eles estão já fora e preciso patrulhar.

Ou ficar aqui duro como o inferno até que esta pequena loucura me tenha abandonado. Como Oscar Wilde disse uma vez, ele podia resistir a tudo menos à tentação.

Antes que Raphael pudesse alcançar a porta, soou seu telefone. Sem olhar quem chamava, respondeu.

— Rafe? — Era Jeff que sussurrava em um tom apavorado.

— Sim?

— Há um grupo de Daimon aqui no porto.

— É muito cedo para que estejam fora.

— Diga isso a eles!

—Te acalme e me diga o que está passando.

— Isto é tão horripilante como o inferno. Há algum tipo de festa na casa flutuante da porta do lado que começou ao ocaso e acabo de ver seis deles saindo dela.

— De acordo. Mantém aí abaixo e estarei aí em uns minutos.

Celena franziu o cenho ante a preocupação na voz do Raphael.

— Há algum problema?

— Alarme importante de Daimon.

Antes que pudesse perguntar algo mais, já se tinha ido, mas suas palavras soavam em seus ouvidos.

Alarme importante de Daimon... Isto podia ser mau.

Você é um escudeiro. Seu lugar era em casa, especialmente depois da escuridão.

E então viu a cara do Eamon em sua mente. Sua cara sorridente quando se metia com ela por não comer as ervilhas

Fez já as tarefas da casa, empregada?

Deus, como tinha querido a esse homem. Ele tinha sido como um irmão maior, um melhor amigo e um pai todo isso em um. E em um batimento de coração, os Daimon o tinham matado.

Confrontemo-lo, à exceção de Ephani, tiveste má sorte com os Dark Hunter. O que mais significava para ela eram suas horríveis mortes.

E ela amava ao Raphael. Tinha-o amado do primeiro momento que o conheceu depois que ela se transladou ao West Point, Mississipi. Ele era inteligente,

elegante, e tinha um peculiar senso de humor. Agora ia lutar com os Daimon. Sozinho.

Milhares de cenários passaram através de sua cabeça, todos acabando com a mesma conclusão. Raphael morto. O pânico fez que seu coração começasse a pulsar mais depressa enquanto olhava a seu redor, o lar dele. Não podia embalar as coisas da casa de outro Dark-Hunter. Não poderia suportar outro velório para render seus respeitos a alguém a quem amava.

Não poderia.

E antes que pudesse deter-se, tomou o rastreador da mesa e suas chaves.

CAPÍTULO 4

Quando Jeff havia dito que havia um grupo de Daimon dirigindo-se a uma festa, Raphael tinha dado por feito que somente haveria seis Daimon em uma festa humana. Você sabe, é clássica festa de quinze anos ou universitários metendo uns com os outros e bebendo.

O tipo de festa que ele normalmente desbaratava de modo que pudesse proteger aos humanos contra os Daimon que queriam fazer um banquete com suas almas.

O que o cientista espacial tinha esquecido mencionar ao Raphael era o pequeno feito de que os Daimon estavam entrando em uma recepção de umas bodas Apolita. Algo que ele, para si mesmo, não se tinha dado conta até que entrou no navio que estava cheio de altas e maravilhosas pessoas loiro pálido. OH, claro, um homem de mais de um e oitenta, calvo e mulato, todo vestido de negro realmente não ia destacar entre os elegantemente vestidos vampiros nórdicos. Raphael teve que admitir isso agora mesmo olhando aos Apolita e Daimon que ficaram olhando-o zangados fazendo-o sentir igual ao último filé no Clube Kennel.

Tudo estava em silêncio, o único som que podia ouvir, inclusive com seu desenvolvido ouvido, era o pulsar de seu próprio coração. Embora houvesse sangue em suas taças, ele podia cheirá-lo, não parecia ser de nenhum humano ao redor que devesse salvar.

Exceto por, possivelmente, ele.

Um dos Apolita mais próximo a ele arqueou uma sobrancelha antes de falar.

— Do lado da Noiva ou do Noivo?

— Estou com o serviço de bufê — disse Raphael em tom plano.

Um Daimon se adiantou para lhe jogar um frio e selvagem olhar.

—Sim, a mim parece comida.

A mulher Daimon ao seu lado sorriu, mostrando suas presas.

— Não podemos nos alimentar realmente dele, já que seu sangue é venenoso para nós, mas lhe matar deveria servir de entretenimento para a festa. Você crê?

Sim, tinha entrado direito à guarida do leão. Havia pelo menos doze Daimon que pudesse detectar. E outros vinte Apolita. Os Apolita normalmente não brigavam contra os Dark-Hunter, posto que aos DH estivesse proibido tocá-los até que transpassassem a linha, começassem a compilar almas, voltando-se desse modo Daimon. Então a guerra era aberta entre eles.

Entretanto, este grupo não parecia muito preocupado em manter a tácita trégua que havia entre os Dark Hunter. Eles estavam realmente sedentos de sangue.

E agora atacariam.

Alcançando-a debaixo de seu casaco, Raphael agarrou sua estaca de aço e a afundou no coração do primeiro Daimon que se aproximou.

Com um grito angustiado, o Daimon estalou em pó. Dois mais vieram por ele. Ao primeiro atirou um golpe que o lançou de volta ao chão, aos braços de outro Daimon, enquanto agarrava por um puxão ao segundo e o apunhalava no peito. Antes que pudesse recuperar-se da matança, os Daimon se equilibraram sobre ele igual a formigas sobre um cubo do açúcar.

Golpeou o chão com a cara enquanto os outros o sujeitavam. Podia sentir algo lhe mordendo nas costas como a ferida feita por uma faca, mas era difícil dizer enquanto tratava de tirar-lhe de cima.

Celena sabia que estava rompendo as regras, mas Raphael não tinha por que sabê-lo. Tudo o que ia fazer era assegurar-se de que ele estava bem, depois retornaria a sua casa. Ninguém saberia sequer o que tinha feito. Ninguém.

Estacionou seu carro tão perto do píer como pôde antes de tirar o localizador e ver onde estava Raphael. Um milhar de temores a destroçaram enquanto voltava a viver a noite em que Sara tinha morrido. Celena tinha tentado chegar a ela. Estiveram juntas ao telefone celular enquanto corria para chegar a tempo.

A última coisa que tinha ouvido eram os gritos da Sara enquanto estalava em chamas. A pena ameaçou afligindo a Celena. Não podia perder a outro Dark Hunter. E especialmente não Raphael. Amava-o muito para deixá-lo morrer.

Sem uma clara idéia do que tinha que fazer para lhe ajudar se estivesse em um apuro, correu para os navios, então se deteve em seco.

Isso era um caos total.

Mais que isso, ali não havia sinal de Raphael por nenhum lado. Parecia estar enterrado sob uma enorme montanha de Daimon e Apolita no centro do navio.

Seus olhos se encheram de lágrimas, ela encontrou o olhar da mulher vestida de noiva só um instante antes de tirar uma estaca de seu casaco.

— Raphael? — gritou Celena, dirigindo para a batalha.

Um Daimon girou para ela então. Celena o afastou com uma patada e seguiu para o grupo maior. Sabia que era onde estaria Raphael. Não podia ver nada enquanto empurrava, chutava e lutava até que finalmente viu aonde tinha chegado. Raphael tirava um Daimon de cima, enquanto outro tentava sujeitá-lo no chão. Mas o que fez inflamar seu pânico foi ver um dos Daimon aproximando-se deles com uma espada.

Se cortassem a cabeça de Raphael, teria se acabado.

Os Daimon retrocederam enquanto alguém atirava dela por trás. Reagindo por puro instinto, Celena golpeou seu assaltante com a parte posterior de sua cabeça e se lançou para Raphael que ainda seguia no chão. Pelo canto do olho viu como caía a espada.

Ela se envolveu a si mesma ao redor da cabeça de Raphael e esperou a dor que sofreria quando a espada a rasgasse.

Esta nunca chegou.

Houve um silêncio repentino que se estendeu para fora como congelando todas as coisas no lugar. Com o coração pulsando a toda pressa, Celena abriu os olhos para olhar aos Apolita e Daimon que permaneciam sobre ela. Girou para encontrar-se com o Daimon que sustentava a espada. Só que esta tinha desaparecido.

Estava nas mãos do noivo quem olhava, não a eles, mas sim aos outros com um olhar severo.

— Já basta! — rugiu ele — supõe-se que isto sejam minhas bodas! — ele olhou para a noiva, cuja cara estava pálida e seus lábios trementes — E estão transtornando à Chloe. Somente restam cinco anos mais com ela antes que morra, e, a última coisa que quero é deixar umas poucas lembranças que tenham sido arruinadas por um bando de estúpidos sedentos de sangue — Ele centrou seu olhar naqueles que deviam ser Daimon — Não mais sangue!

O Daimon ao lado da Celena encrespou o lábio.

— Ele matou a meu irmão.

O noivo grunhiu.

— Seu irmão era um descerebrado e teve sorte de que eu não o matasse. Disse que não devia causar nenhum problema esta noite, não é verdade?

O Daimon se voltou envergonhado.

O noivo atirou a espada ao chão antes de aproximar-se deles. Para completo choque de Celena, estendeu-lhe a mão. Ela trocou um olhar incerto com Raphael antes de tomá-la, agarrando-se a ele, e permitindo que a pusesse em pé.

— Não pode deixá-lo ir — disse outro Daimon com desprezo.

— São minhas bodas e posso fazer o que me agrade. Supõe-se que esta seja uma noite de celebração.

— Então celebremos matando a um Dark Hunter.

O noivo parecia aborrecido.

— Que alguém estaque a esse bastardo, por favor, e pelos Deuses, e tirem o pó do Benny da mesa. Incomoda-me e está mesclando-se com o sangue.

Ele ajudou Raphael a levantar-se.

— Não se preocupe. Não é sangue humano. É dos nossos.

Raphael não estava seguro de que pensar quando encarou ao Apolita frente a ele. Poderiam ter matado a ele e a Celena. Estava lhe custando um pouco acreditar que fosse deixá-los partir.

— Por que está fazendo isto? — perguntou Raphael.

O noivo olhou à noiva.

— Porque a vida é muito curta para passá-la brigando quando pode estar com quem ama. E o amor é muito estranho para esbanjá-lo com pequenas preocupações — Ele tomou a mão de sua esposa na sua e a apertou — Sou afortunado de ter a Chloe e não tenho intenção de deixar que uma guerra que não comecei me roube um segundo somente de meu tempo com ela. Vai em paz, Dark Hunter.

Raphael estava surpreso por suas palavras, mais ainda por sua caridade.

— É um bom homem.

O Apolita bufou.

— Suponho que nos veremos dentro de cinco anos, huh? Se morrer pacificamente, então sou bom. Se não, então veremos outra vez nossas caras como inimigos — ele indicou a rampa com um movimento de seu queixo — Agora vá antes que mude de opinião.

Decidindo não pressionar sua sorte, Raphael passou seu braço ao redor de Celena para aproximá-la a ele e protegê-la enquanto saíam do navio. Não deixou de

caminhar até que estiveram dentro do píer de atraque de seu próprio navio. Deteve-se brevemente na proa para dar volta e ver que os Apolita e Daimon voltavam para sua festa.

— Isso foi surpreendente! — Ele levantou o olhar para ver Jeff nas sombras.

Ao Raphael recordava um menino que acabava de sair-se com a sua.

— Pensei que estava morto. Cara, estava em processo de chamar o Acheron para pedir ajuda quando vi sair aos dois. Como fez?

Em vez de tirar seu braço ao redor da Celena, Raphael inclinou sua cabeça contra a sua.

— Sorte de cuja habilidade assumirá o controle algum dia.

A cara de Jeff ficou pálida quando se deu conta que Celena estava ali. Ele realmente tragou.

— Estou morto, verdade?

Raphael conteve a respiração quando se encontrou com o olhar especulativo de Celena. Esperava que o separasse dela e fosse pelo Jeff. Em lugar disso, ela envolveu o braço ao redor dos quadris de Raphael.

— Fiz um trato com Raphael, e parece que agora está livre de mim.

Um pequeno sorriso apareceu nos cantos dos lábios de Raphael enquanto a olhava à luz da lua.

— Vá par a casa, Jeff.

— Certo, me deixe empacotar minhas coisas e...

— Não — ele disse tenso — Vá para casa agora mesmo e não se detenha até que esteja a salvo em sua habitação. Pode recolher suas coisas depois.

Jeff pareceu querer discutir, mas por sorte para seu escudeiro, o menino captou o tom de sua voz e imediatamente partiu. E tão logo o fez, Raphael fez o que esteve morrendo por fazer. Finalmente beijou Celena. Ela gemeu ante o sabor de Raphael quando sua língua se enroscou com a sua. Ele segurou sua cara entre suas mãos enquanto inalava o picante aroma de sua pele e corpo. Era uma combinação impressionante, e tudo o que queria fazer era lhe tirar a roupa e lamber cada centímetro de seu corpo. Ela sabia que não tinha nenhum assunto com ele, e por uma vez lhe preocupava as regras. Os Apolita tinham razão. Havia algumas coisas mais importantes que algo tão corriqueiro.

Raphael deixou de beijá-la.

— Por que veio a por mim?

— Tinha medo que estivesse em perigo.

Ele negou com a cabeça.

— Sabe que foi assombrosamente estúpido de sua parte. Sou carne rançosa para eles, mas você... Você é um bufê. É malditamente afortunada que lhe deixassem ir.

Sorriu para ele antes de repetir suas anteriores palavras

— Sim, bom, algum dia farei da sorte minha habilidade.

Ele riu antes de beijá-la outra vez.

—E isso ainda não me diz por que veio atrás de mim. Rompeu uma dúzia de regras por me seguir esta noite.

E por alguma razão isso não a preocupava. Nada lhe tinha importado exceto vê-lo a salvo.

— Sei, mas não podia deixá-lo morrer.

— Por quê?

Ela mordeu o lábio enquanto o lado razoável de seu cérebro pedia que não dissesse nada mais. Mas todos os anos em que esteve ocultando os sentimentos a esse homem saíram à luz, e depois de estar com ele esta última semana, ela não podia ocultá-lo mais.

— Porque te amo.

Raphael não podia estar mais surpreso do que se ela o tivesse apunhalado. Permaneceu ali de pé em completo choque vendo como os olhos dela dilatavam levemente. Em todos os séculos que tinha vivido só outra única mulher lhe havia dito essas palavras... E tinha morrido em seus braços em sua noite de bodas sob o assalto de seus inimigos. Nunca teve a oportunidade de prová-la.

Nunca teve ocasião de lhe demonstrar o muito que a amava. Não ia desperdiçar essa oportunidade com Celena. Com o corpo ardendo, levantou-a em seus braços e a levou a bordo de seu navio.

— O que está fazendo? — perguntou ela enquanto envolvia os braços ao redor de seu pescoço.

— Carpe Noctem. Estou aproveitando a noite. Mas, sobretudo estou aproveitando à mulher que tenho em meus braços.

Celena não disse outra palavra enquanto a levava sob a coberta. Logo que estiveram fora da vista de qualquer transeunte, rasgou literalmente a camisa de suas costas de modo que pudesse tocar finalmente o corpo com o que freqüentemente tinha sonhado todos esses anos. Sua carreira como escudeira estava acabada, mas não importava. A única coisa que importava agora mesmo era estar com Raphael.

Tremeu enquanto que lhe tirava a camiseta pela cabeça e segurava seu seio através do sutiã.

Fechando os olhos, ela saboreou o calor de sua mão enquanto apartava o cetim a um lado para acariciar sua pele. Ela capturou os lábios dele com os seus quando febrilmente lhe abriu a braguilha, enfiando sua mão para tocá-lo.

Ele gemeu em resposta, fazendo que se elevasse a satisfação dela.

— Menina — sussurrou as palavras contra seus lábios — quando rompe as regras, rompe realmente as regras.

Celena não respondeu enquanto baixava as meias pelas pernas. Ela aspirou agudamente entre os dentes quando o viu ajoelhar-se aos seus pés. Levantando o pé, ela deixou que lhe tirasse os sapatos, que ele lançou sobre seu ombro antes de despi-la.

Seus olhos escuros cintilaram um instante antes que lhe tirasse as calcinhas. O corpo dela se acendeu quando o percorreu com seu faminto olhar.

Agachando-se, ela delineou o contorno de seus lábios enquanto ele lambia brandamente as pontas de seu dedo. Ela tinha sonhado com este momento mil vezes. Ele era a principal razão para que nunca tivesse um encontro com outro homem. Nunca parecia poder comparar-se, pois, não eram tão bonitos. Tão perigosos. Tão proibidos. E agora finalmente ia, ou seja, o que se sentia ao tê-lo...

Raphael não podia respirar enquanto ficava em pé. Ainda não podia acreditar que Celena estivesse aqui com ele. Que ela, que vivia para as regras e os regulamentos estivesse disposta a sacrificar seu juramento de Escudeiro. Seu coração pulsava apressadamente, baixou sua mão para acariciar a suavidade de seu abdômen, depois baixou aos curtos cachos até que encontrou o que procurava. Ele gemeu ante a sensação de seu molhado calor contra seus dedos enquanto ela o esfregava ligeiramente com sua mão.

Incapaz de agüentar mais, pressionou-a contra a parede e a beijou apaixonadamente. Celena se agarrou a ele enquanto levantava uma perna para envolvê-la ao redor de seus quadris. Aceitando o convite, ele se conduziu profundamente dentro dela.

A cabeça de Raphael começou a dar voltas quando um inimaginável êxtase se derramou através dele. Celena quase tinha morrido para protegê-lo. Nenhuma mulher tinha feito jamais tal coisa antes por ele.

Sua força, seu valor...

Era diferente de tudo que tivesse conhecido. E agora ela se encontrava com ele estocada atrás de estocada enquanto faziam o amor furiosamente. Ele sorriu

enquanto cada embate era compassado pelo som dos colarzinhos nos extremos de suas tranças raspando-se contra a parede.

Celena enterrou seus lábios contra a garganta de Raphael enquanto se esforçava por não pensar no que ia acontecer amanhã. Não poderia ficar com ele. Sabia. Ele era um Dark Hunter. Mas aqui, neste momento, ele era dela, e isso era tudo o que importava.

Arqueando suas costas, gritou com cada poderosa investida dele em seu interior enquanto se agarrava a ele.

Ele abaixou sua cabeça para capturar seu mamilo e lambê-lo ao mesmo compasso de suas investidas. Ela embalou sua cabeça contra seu corpo enquanto era afligida pelo prazer, este aumentava com cada embate até que finalmente não pode agüentar mais. Seu corpo explodiu em milhares de brilhos de êxtase. Raphael grunhiu enquanto sentia o clímax de Celena. Querendo lhe dar ainda mais, ele acelerou suas investidas e a observou enquanto jogava sua cabeça para trás e gemia.

O sorriso se esfumou de sua cara enquanto alcançava seu próprio orgasmo. Enterrando-se profundamente dentro dela, ele estremeceu com a força do êxtase.

Respirando entrecortadamente em seu ouvido, ela acariciou brandamente suas costas enquanto ele retornava pouco a pouco de seu orgasmo. Esse era um dos mais assombrosos momentos de sua vida. Não se devia ao sexo, mas sim por que estava sendo sustentado por uma mulher que estava disposta a sacrificar-se por ele. Uma mulher que estava disposta a romper as regras.

Mas, sobretudo, a mulher a quem amava.

Ele a beijou meigamente nos lábios.

— Não vá, Celena.

— Estarei aqui até manhã.

— Não— disse ele, sua voz se quebrou com as densas emoções que se estavam produzindo em seu interior — Quero dizer que não vá. Nunca.

Logo disse num sussurro.

— O que está dizendo, Raphael?

— Amo-te.

Ela não podia acreditar em seus ouvidos. Isso era mais do que teria esperado.

—Não tem que dizer isso.

— Não é o que estou dizendo. É o que estou sentindo.

Emocionada por suas palavras, ela o abraçou firmemente.

— O que vai ser de nós agora?

— Parece que terei que me unir outra vez à raça humana.

— Está seguro?

Raphael guardou silêncio enquanto o considerava. Se continuar sendo um Dark Hunter, teria que deixá-la ir.

As palavras do Apolita soaram na cabeça de Raphael. Ele esteve sozinho durante todos esses séculos. Nenhuma vez em todo esse tempo uma mulher lhe tinha feito sentir emoções tão fortes como as que tinham pela Celena. Ela o fazia louco e escandalosamente feliz...

Mas, sobretudo, o fazia acreditar que podia voar.

Não queria viver sem isso. Sem ela.

— Sim, estou seguro. Quer dizer, se estiver disposta a confrontar a prova da Artemisa.

— Por ti, meu pirata, caminharia através dos fogos do inferno.

EPÍLOGO

Dois Meses mais tarde

Celena olhou fixamente ao Acheron, o líder dos Dark Hunter, quando lhe explicou que para liberar Raphael do serviço da Artemisa ela teria que lhe matar.

— Tem que estar brincando.

— Pareço estar de brincadeira?

Jogou uma olhada desde seu comprido cabelo negro até a ponta de suas botas de motociclista góticas feitas por encomenda com fivelas de morcegos. E com seus dois metros e seis de altura havia muito dele para ver, muito, mas cada pedaço de seu comprido, magro corpo era mortalmente sincero, o qual fez que lhe revolvesse o estômago.

Como podia ela matar ao homem que amava? Que classe de psicótica tinha instituído essa norma?

Então olhou Raphael, que estava parado atrás do Acheron, no vestíbulo. Sua formosa cara não deixava ver outra coisa que confiança. Seus olhos negros eram bons e gentis, valorosos e isso fazia que o amor que ela sentia por ele se inflamasse.

— Não posso matá-lo.

Acheron deixou escapar um paciente suspiro.

— Não morrerá definitivamente. Simplesmente faz que seu coração deixe de pulsar, então mantém a pedra contra sua tatuagem do arco e a flecha. Sua alma deixará a pedra e voltará para seu corpo.

— Pode fazê-lo, bebê — disse Raphael com esse acento pecaminoso dele — Disse-me a outra noite que queria me tirar à vida.

Em vez de sorrir, ela fez uma careta.

— Isso foi por monopolizar o controle remoto e não ia a sério. Isto é completamente diferente.

Acheron se encolheu de ombros.

— Bem, então ele continuará sendo um Dark Hunter e o conselho a designará longe dele.

Seu coração se deteve ante o mero pensamento de não vê-lo mais.

— Não pode deixar que façam isso.

— Controlo aos Dark Hunter. Os escudeiros são coisa deles, não minha. Não tenho jurisdição ali, razão pela qual Jeff está agora esfriando seus pés na prisão dos Escudeiros por escrever essa história. Pessoalmente acredito que é divertida, mas o Conselho não tem realmente senso de humor, verdade?

Frustrada, Celena quis discutir, mas sabia que não serviria de nada. Se ela e Raphael queriam ter uma vida normal, ele teria que ser humano outra vez.

Agora mesmo, o conselho não sabia nada sobre sua relação, mas cedo ou tarde descobririam e então ela teria um inferno que pagar. A menos que ela e Raphael já estivessem casados. Então não haveria nada que o Conselho pudesse fazer. Não havia lei que a proibisse casar-se com um varão humano. Essa era a única escapatória que podiam esperar.

— De acordo— disse ela com um decidido suspiro — Posso fazê-lo.

Esta vez foi Acheron quem vacilou.

— Há uma coisa mais que tem que saber.

Ela dirigiu ao Acheron um zangado olhar.

— E isso seria?

—A pedra em que está sua alma queimará sua pele no minuto em que a toque, e não parará até que sua alma volte para seu corpo. Se deixar cair à pedra antes desse momento, ele será uma Sombra.

OH, esse era um agradável pensamento. Liberá-lo também poderia significar condená-lo a uma eternidade de inferno. As Sombras não podiam comer não podiam ser vistas nem ouvidas. Era um destino muito pior que a morte.

E ela podia ser a única que lhe desse esse presente, OH, tão grata existência!

Ainda o olhar fixo de Rafael a queimava.

— Desejo estar contigo, Celena. Como homem!

Como podia ela discutir com isso? Mais ainda, ela também o desejava. Enquanto seguisse sendo um Dark Hunter, não poderiam ter filhos. Mas se ela o liberava. . . Poderiam ter uma família. Poderiam casar-se e envelhecer juntos.

Era tudo o que ela desejava.

— De acordo — respirou ela — me diga o que tenho que fazer.

Acheron tirou uma larga, horrível adaga de sua bota e lhe deu.

— Atravessa seu coração e deixa a adaga dentro até que esteja inerte.

Ele tirou a mochila negra do ombro e tirou uma caixa negra do tamanho de uma bola de beisebol. Abriu a tampa para mostrar uma pedra azul vibrante que estava cinzelada com estranhas marcas. Era um estranho, convincente objeto que parecia cantarolar com vida.

Ela estirou a mão só para que Acheron o separasse de seu alcance.

— Recorda isto queima! Darei isso a você e então pressiona à marca da Artemisa.

Ela tragou saliva enquanto olhava fixamente a pedra. Era difícil de acreditar que a alma de Rafael estivesse ali dentro.

— Está seguro que isto funciona?

— Kyrian, Talon, Valerius...

— De acordo — disse ela enquanto Acheron enumerava aos Dark Hunter que ela sabia que tinham sido liberados — Façamo-lo.

Raphael tirou a camisa de modo que pudesse ver a marca do duplo arco e da flecha em seu ombro esquerdo. Seu coração pulsava depressa, ela sujeitou a adaga firmemente em sua mão e encontrou seu olhar de obsidiana o amor que havia ali a chamuscou.

— Pode fazê-lo— sussurrou ele — Logo finge que sou Jeff.

Ela desejou rir de sua brincadeira, mas nem sequer podia tentá-lo. Em lugar disso, apertou os dentes e fez a coisa mais dura que tinha feito em sua vida. Tentou apunhalá-lo, mas a adaga não chegou a perfurar sua pele. Atordoada, tentou com mais força, mas ainda não se afundava.

— O que vai mal? — perguntou ela.

Acheron fez uma careta.

— Maldição. Esquecemos de drenar seus poderes de Dark Hunter. Não pode matá-lo enquanto seja imortal... Ao menos não se deixar seu corpo inteiro.

— Então o que fazemos?

Acheron se arranhou a parte de atrás do pescoço.

— Supõe-se que não ia interferir, mas que demônios? Por vocês dois farei uma exceção.

Tomou a adaga da mão dela e a afundou no coração de Raphael até o punho. Raphael deu um par de passos atrás antes de escorregar lentamente para o chão.

— OH, Deus — gritou ela horrorizada pelo que tinha feito Acheron, quando se ajoelhou a seu lado. A cara de Raphael estava contorcida pela dor enquanto um pequeno fio de sangue caía pelo canto esquerdo de sua boca.

Instintivamente, ela alcançou a adaga para tirá-la.

— Ainda não — disse Acheron disse, atirando dela — Ele tem que morrer ou não poderá ser livre.

As lágrimas encheram seus olhos enquanto ofegava junto a Raphael. Ele cobriu sua bochecha com sua palma lhe oferecendo um pequeno sorriso.

— Está bem, Celena.

Ela somente esperava que tivesse razão. Cobrindo sua mão com as suas, sustentou-o firmemente enquanto via escapar a luz de seus olhos. E deu um pequeno grito quando a respiração foi exalada de seu corpo.

Acheron tomou a pedra da caixa e a estendeu a ela. Seus olhos de prata se cravaram nos dela.

— Não o deixe cair.

Assentindo, ela a tirou dele só para deixar escapar um grito quando uma furiosa dor lhe queimou a pele. Isto queimava mais que qualquer fogo que pudesse imaginar e fazia tudo o que podia para suportá-lo. A única coisa que evitava lançá-la era o conhecimento de que Raphael morreria se o fazia. Apertou os dentes enquanto Acheron a ajudava a colocar a pedra sobre a marca. Lágrimas de dor e medo escorriam por suas bochechas enquanto esperava que Raphael abrisse os olhos.

Parecia que tinha passado uma eternidade antes que Acheron tirasse a adaga de seu peito. Um instante depois, Raphael aspirou em profundidade e piscou abrindo seus olhos para olhá-la.

Celena sorriu com surpresa ao ver que seus olhos já não eram negros. Agora eram de um luminoso marrom ambarino claro que chispavam com vida humana. Ele era inclusive mais bonito do que tinha sido antes.

Mordendo o lábio, atirou-o a seus braços e o manteve perto dela. Acheron se afastou e devolveu a adaga a sua bota.

— Obrigado, chefe — disse Raphael ficando de pé.

Acheron lhe dedicou uma espécie de sorriso.

— Já não sou seu chefe, Raphael. Ela o é.

Raphael riu.

— Isso não me incomoda.

Acheron bufou.

— Certo, me alegro que seja humano agora. Não há nada como ter que responder ante uma única mulher durante onze mil anos para te fazer desejar o fim dos tempos.

Celena riu outra vez.

— Obrigado, Acheron.

Ele assentiu com um gesto da cabeça.

— Divirtam-se, meninos.

Raphael baixou o olhar à mulher que tinha em seus braços e apertou seu abraço nela.

— Confia em mim, faremo-lo.

E logo que Acheron se foi, Celena puxou ele para lhe dar um feroz beijo. A cabeça de Raphael deu voltas ante o sabor dela. Um sabor que ele agora poderia passar o resto de sua vida saboreando.

Fim

A Hard Day´s Night Searcher

Sherrilyn Kenyon 2006

Traduzido e Corrigido

Dream Parthenopaeus

